

OUTRO CANTO IX¹

TOMÁS RIBEIRO GOMES (MENÇÃO HONROSA, *I CONCURSO LITERÁRIO DE CONTOS DE INSPIRAÇÃO CLÁSSICA, ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO*)

Aí há uns dias ouvi uma história interessante de uma das Musas. Porque ela me garantiu tratar-se de uma história verídica e porque me parece que se pode aprender algo com ela – embora confesse que não sei bem o quê – decidi aqui registá-la tão bem quanto me permitir o meu humilde engenho.

Aconteceu no décimo ano da Guerra de Tróia, entre os soldados de Creta, liderados pelo famoso lanceiro Idomeneu. Não sei se estes homens se lembravam que estavam numa guerra. Ao fim de tantos anos a vida tinha-se estabelecido firmemente em torno de rotinas tão monótonas como as que todos nós conhecemos. Durante o dia os homens caçavam, cozinhavam, cuidavam das armas, praticavam desporto, tinham as mesmas conversas várias vezes e jogavam jogos de tabuleiro. Para as gerações vindouras a Guerra foi muito útil: se estes homens não estivessem tão aborrecidos se calhar Palamedes nunca teria inventado jogos como as damas, que nos entretiveram durante os séculos seguintes, enquanto não se inventou a televisão.

À noite dormiam e bebiam – muito, forçosamente muito, ou não estivéssemos a falar de homens do povo: agricultores, comerciantes e artífices. Mas o vinho não era em abundância e o preço era alto. De vez em quando, os reis dos Dânaos embarcavam umas naus e rumavam a saquear cidades aliadas de Tróia. A névoa do aborrecimento levantava-se dos olhos dos homens quando tinham a oportunidade de massacrar

229

1 Sirvo-me de epítetos e de algumas expressões da tradução de Frederico Lourenço da *Ilíada* (Cotovia, 2005).

as gentes de uma cidade, reclamar o seu quinhão do saque, e voltar para o acampamento em Ilíon, onde em uma ou duas noites gastavam o dinheiro por inteiro em bebida. E depois era aguardar ansiosamente pela próxima expedição e repetir o ciclo de assassínio, violações e uma ou duas bebedeiras no regresso.

Hesitei ao falar-vos nas violações. Tenho medo que deixem de simpatizar com os heróis desta história se os virem como violadores. Mas decidi contar-vos, porque é a verdade e esta é uma história verdadeira, e porque seria estar a ignorar o óbvio. Afinal, estes homens são soldados. Nem sempre o foram e não pediram para vir para a guerra – mas aqui estão. De qualquer forma peço-vos que reservem o vosso julgamento, em breve irão conhecê-los.

A notícia da cólera de Aquiles, o Pelida, e da sua retirada em birra para a tenda, correrá o exército como um vento gelado a arrepiar as espinhas dos Dânaos. Os reis tinham a sua opinião sobre a querela entre Aquiles e o poderoso Agamémnon, mas guardavam-na prudentemente para si. Compreendo-os: estes nobres têm muita coisa em jogo. Ninguém quer voltar para a sua terra, dez anos depois, derrotado e sem uma parte do saque de Tróia para oferecer à mulher como recompensa pela sua fidelidade (ou pelo menos pelo seu decoro, foram dez anos, não se pode pedir demasiado). A última coisa que queriam agora era intriga política.

Mas os homens do povo, os camponeses que foram arrancados às suas terras e os comerciantes que viram a sua barca mercante expropriada para transportar soldados, esses podem crer que falavam livremente. Uns condenavam Agamémnon pela heresia do rapto de Criseida e pelo castigo da peste, os outros diziam que Aquiles violara os seus deveres de leal súbdito e, francamente, se comportara como o putito mimado que eles sempre haviam suspeitado que ele fosse.

Mas todos os homens no vasto campo dos Aqueus foram abalados pelo medo do dia de amanhã. Aquiles era o símbolo da união e da força entre os Argivos. Julgo mesmo que muitos dos soldados nem sabiam o nome de Agamémnon de vasto poder antes da desavença – se lhes

perguntassem quem mandava na expedição, acredito que muitos não vos saberiam responder.

É no dia em que Aquiles se retira para chorar junto da mãe, Tétis de pés prateados, e lhe pedir que faça sofrer os Argivos, que se dá nas tendas do povo Cretense a história que vos quero contar. Nessa noite, Empédocles, que antes de Tróia tinha uma oficina de olaria em Rício, acordou aos gritos e a suar profusamente. Os companheiros da tenda acordaram sobressaltados e mandaram-no calar sob pena de apanhar umas fortes pancadas – o humor no acampamento estava pesado nessa noite, como podem imaginar. Empédocles levantou-se, calçou as sandálias, atirou uma túnica sobre os ombros e saiu apressadamente da tenda para o silêncio da noite.

Ali ao lado crepitava uma fogueira em torno da qual se sentavam o velho Orsíloco e Idomeneu – não o rei, mas o Idomeneu comerciante baseado em Cnosso, antes de ser recrutado pelo seu homónimo para a presente expedição. Empédocles suspirou de alívio ao distinguir as faces dos dois homens à luz do fogo. Conhecia-os bem, era amigo de Idomeneu e valorizava cada palavra de Orsíloco como a síntese de toda a prudência.

231

–Orsíloco! Idomeneu! Por Zeus, que bom é ver-vos! Não sei que faça! Um deus, fui visitado por um deus no meu sono.

Os olhos arregalados e a palidez da face de Empédocles assustaram os dois homens. Idomeneu apressou-se a tomar Empédocles pela mão, sentando-o junto à fogueira e pedindo-lhe que se acalmasse. Orsíloco cofiava a barba branca enquanto escrutinava Empédocles com o olhar.

– Não é em vão que um deus se revela aos mortais depois que sobre a terra se abateu o manto da negra noite. Conta-nos o teu sonho, Empédocles, para que juntos procuremos decifrá-lo.

– Orsíloco, que agradáveis são as tuas palavras de ouvir! Tu és o homem certo para entender a minha terrível visão! Falas bem quando dizes que não foi em vão que o deus me visitou. Foi uma mensagem

tenebrosa a que me foi enviada! Ai de mim, aproxima-se o meu destino!
– e enterrou a cabeça nas mãos, sem conseguir suprimir os soluços.
Orsíloco levantou-se e dirigiu-se-lhe:

– Homem! Não julgues decifrar por ti os desígnios dos deuses. Pesado é o castigo para aqueles que, nada sabendo, se põem a adivinhar a vontade de um deus. Pára de soluçar e conta-nos o que se passou, começando pelo princípio.

Empédocles parou de soluçar. Ainda a tremer, disse:

– Confio em ti Orsíloco, tu vais saber o que fazer. Foi depois de ouvirmos as notícias de Aquiles. O Tersites diz que é uma questão de tempo até aos Troianos saberem o que se passou, e nessa altura não vão ter medo de sair armados das muralhas. Não consigo pensar noutra coisa, sem Aquiles não tarda os Troianos vão trazer a luta até às nossas naus! É por isso que não consigo dormir, Orsíloco. Eu sei que é ridículo, mas deitado na tenda não deixava de escutar atentamente o mais pequeno ruído. Por três vezes me levantei e saí para ver se os passos que se aproximavam eram os de um companheiro Aqueu e não de um Troiano a congeminar a minha morte. E depois, já deitado, comecei a sentir o chão a mexer debaixo do meu corpo, suavemente, como quando um pai embala o filho no seu colo, para que ele pare de chorar. Mas era sobre as tábuas de uma barca que eu me deitava, e eram as negras águas do Estige que me embalavam! Não me conseguia mexer, preso às tábuas de madeira que rangiam alto. E de súbito apercebi-me de outra presença na barca. Não conseguia abrir os olhos, com o peso das moedas sobre as pálpebras, mas o ranger das tábuas dizia-me que esta figura se estava a aproximar lentamente do meu corpo. Ao mesmo tempo crescia algo no meu peito. Oh! Se não fosse o que veio a seguir, só isto bastaria para me atormentar para o resto dos meus dias. Não vos sei explicar, Orsíloco e Idomeneu, o que senti no peito. Era algo pesado, mas oco ao mesmo tempo; e frio!, era sobretudo frio. E alastrava-se à

medida que eu sentia a figura a aproximar-se de mim. E depois eu vi, através das pálpebras e das moedas; o que eu dava para não ter visto! Eu vi o que se inclinava sobre mim. Era a cabeça de um velho, mais velho do que é possível os homens serem, com a pele profundamente enrugada, fios de cabelo branco a caírem-lhe, odiosos, para a frente do rosto, um sorriso desdentado e olhos cinzentos que me gelaram a alma: era o barqueiro, Caronte! Caronte vem-me buscar, os Troianos vêm aí e eu descerei para o Hades, onde Caronte me espera.

Voltou a enterrar a cara nas mãos e soltou gemidos dolorosos. Orsíloco falou-lhe alto:

– Empédocles! Foi na verdade Caronte que viste no teu sono. Não foi nenhum dos deuses que o Olimpo detêm. Não temas, o teu sonho não é premonitório – nada mais que um capricho da tua mente. Caronte não é um dos deuses que no Olimpo têm a sua alta morada e que visitam os homens com o seu conselho.

– Não quero saber se Caronte frequenta a alta morada dos deuses ou não! Não percebes o que estou a dizer? O meu sonho foi um aviso, isso é claro! Se foi um capricho da mente como explicas o frio que senti no peito? O deus quis dizer-me como as coisas se vão passar.

– Empédocles, estulto! Não desconsideres os deuses imortais. Todos os portentos, sinais dos deuses lidos pelo venerando Calcas, atestam a vitória dos Aqueus nesta guerra. Apolo amaldiçoou-nos pelo rapto da sua sacerdotisa, Criseida de lindo rosto, e Apolo foi apaziguado com sacrifícios e oferendas.

Idomeneu ouvia agitado a troca de palavras entre os outros. Controlou a voz para fingir calma e disse:

– Orsíloco, não desconsidero os deuses, nem Calcas, nem ninguém. Mas as preocupações de Empédocles não deixam de fazer sentido. Os

gregos podem muito bem ganhar a guerra e voltar para as suas terras e os nossos corpos ficarem sepultados nesta planície.

– Idomeneu e Orsíloco, companheiros, é com surpresa que vejo a vossa hesitação. Parece-me que estão esquecidos de algo que eu julgava saberem. Já não sabem o que é a virtude? Não se lembram do que vos ensinaram os vossos pais, valorosos cretenses? Não são da opinião de que uma vida curta e gloriosa é preferível a uma longa e inútil? Pensam que não é digna a recompensa reservada aos corajosos, para lá do Estige? – Empédocles estremeceu ao ouvir a palavra. – Companheiros, estamos em Ílion há muito tempo, há demasiado tempo. É com um sorriso que devem receber a notícia de que terão a oportunidade de finalmente alcançar a vitória e voltar para casa triunfantes – e imaginem o saque que esconde a muralha da cidadela! Virariam as costas a tais riquezas? Penso que foi a noite negra que vos pôs tristes pensamentos no espírito. Mas animai-vos! Com o despontar da aurora de róseos dedos os vossos corações sentir-se-ão mais leves, e voltarão a lembrar-se da bravura e de como é belo combater lado a lado com os vossos companheiros, homens fortes todos, com as mentes divididas entre dois pensamentos: por um lado, proteger o companheiro, e pelo outro superá-lo em excelência na refrega! Ah!, tivesse o meu braço a força de outrora, amigos, e veriam como Orsíloco se assemelha aos nobres entre os combatentes. Em corpo era semelhante de Meríones, e no arremessar da lança seria capaz de competir com o próprio Idomeneu quando, tal como um leão que causa a devastação no meio das ovelhas, eu me destacava no combate. Seria de bom grado que serviria entre os dianteiros, e rezaria aos deuses para lá morrer uma morte bela, pela minha pátria. Também vocês provaram já a vossa destreza em batalha, e sei que o farão de novo, quando ela vier. Voltarão para Creta de cabeça erguida, Idomeneu e Empédocles. E agora durmam. Restabeçam as vossas forças e amanhã encontrar-nos-emos e dir-me-ão que eu tenho razão em tudo quanto vos disse. – e antes de esperar por resposta afastou-se.

Empédocles e Idomeneu apagaram o fogo e afastaram-se, cada um para a sua tenda, onde dormiram um sono profundo e sem interrupção. Orsíloco morreu durante o sono. O velho tinha, de facto, sido um soldado decente na sua juventude. Era um comerciante de profissão. Mas não tinha muito jeito. Do que gostava mesmo era de ouvir as canções dos aedos, e de as imitar pomposamente perante o público fascinado de bêbedos a horas tardias. Mas o ouvinte sóbrio não tinha em geral grande apreço pela sua arte. Viera para Tróia já débil e cansado. Sem filhos e já falecida a mulher, não ansiava pelo regresso a Creta. Pelo contrário, até preferia o clima do Helesponto. E lá ficou sepultado.

Idomeneu acordou na manhã seguinte e surpreendeu-se por sentir as preocupações da noite anterior tão distantes e difusas. Lavou a cara e as mãos e dirigiu-se alegremente ao local onde testemunhara o belo discurso de Orsíloco. Para sua surpresa, Empédocles encontrava-se sentado no mesmo lugar que ocupara durante a noite; e chorava. Apercebeu-se de Idomeneu e correu para ele:

235

– Idomeneu! Orsíloco morreu durante a noite! A dormir, estava de perfeita saúde e morreu a dormir! Logo agora – como é que é possível, depois de tudo o que ele disse? Porque é que ele nos faria uma coisa destas? Dormi tão bem, acordei tão bem-disposto. Mas agora! O que é que fazemos?

Idomeneu levou uns segundos a recuperar a razão. Disse:

– Não há razão para entrar em pânico. Afinal, Orsíloco era velho. Nem sabemos que idade tinha. Nem todos têm o privilégio de chegar à velhice com saúde.

– Nós não teremos de certeza! Daqui a dias estaremos tão mortos quanto Orsíloco. Ainda somos novos mas o que é que isso interessa? Há poucas horas Orsíloco estava aqui mesmo, ao pé desta fogueira, a falar-nos da excelência e da glória. E agora olha! Dele resta tanto quanto do fogo restaram estas cinzas.

– A morte de Orsíloco estava destinada. E não muda nada. Tudo o que nos disse foi muito acertado.

– Ai sim? O que é que ele disse de tão acertado? Como é que dizer que é belo dar a vida na guerra te parece acertado? – Mas Idomeneu não respondeu – Estou a perguntar mesmo, explica-me, se conseguires.

– É belo porque é o que os grandes heróis fazem. Como Aquiles.

– E o que faz de Aquiles um grande herói?

– É justamente a coragem e as façanhas na guerra que fazem um herói como Aquiles.

– Ah! Tal como eu suspeitava. Não fazes sentido nenhum, Idomeneu. Dizes que é belo porque Aquiles o faz, e que Aquiles o faz por ser belo. Percebes o que quero dizer? E se eu te disser que não quero a beleza para nada. De que serve a beleza?

– Essa é uma questão idiota. É claro que a beleza é importante. Toda a vida é a busca da beleza, é através da beleza que nos elevamos, como me disse um dia Orsíloco.

– E por ventura perguntaste a Orsíloco o que queria isso dizer? É que gostava de saber. Elevamo-nos a quê? Porque é que andam sempre todos a elogiar as alturas e a apontar para as nuvens? Eu não me quero elevar, não quero subir para lado nenhum. Nem descer, já agora. Estou bem aqui. E se há que procurar a beleza, vou ver se a encontro no fundo de uma taça. Afirmo que é belo embriagar-se. E agora?

– Empédocles, não sabes do que falas. Não vês que é pela coragem que serás lembrado pelos vindouros? Queres que os teus filhos se lembrem de ti como um bêbedo ou como um guerreiro valoroso?

– Agora já falas com sentido. Mas achas que foi por isso que para aqui vim? Ficaria contente com os meus filhos se lembrarem de mim como um oleiro competente, não preciso de ser um guerreiro destemido. Não, não foi por isso que para aqui vim. Estive a pensar sobre isto. E também não foi por essa razão que tu vieste.

– Então porque vim eu?

– De certeza que não foi por Helena, que nunca vimos na vida. Nem por lealdade ao rei Idomeneu, que nunca sequer sonharia em dirigir-te palavra. Poderias ter vindo pelo saque, mas tu és inteligente: o saque é incerto, e o teu negócio prosperava. Tu vieste pela mesma razão que eu: porque nos chamaram. E porque todos esperavam que aceitássemos.

Idomeneu respondia agora com uma nota de desespero na voz, talvez mesmo a quebrar com um soluço reprimido:

– Que escolha tínhamos nós?

– Se tivéssemos todos recusado, se todos os cretenses tivessem dito que não, aí que escolha tinha Idomeneu senão deixar-nos ficar sossegados em Creta? Eu sei que nunca poderia acontecer; não sei porquê, mas é claro que nunca poderia acontecer. Mas eu e tu podíamos ter fugido, podíamos ter passado despercebidos na confusão do embarque em Creta. Podíamos ter aproveitado alguma das expedições.

– Será que ainda vamos a tempo?

– Temos que tentar. É a única coisa a fazer. Se ficarmos é certo que morremos em Tróia. Depois de ver Caronte não tenho dúvidas quanto a isso. Caronte apareceu e Orsíloco morreu de repente. Temos que sair daqui e aproveitar os anos que nos restam. Mesmo que nunca voltemos para Creta, vamos ser estrangeiros numa terra qualquer, ganhar a confiança dos locais até que nos aceitem nos festins e nos dêem vinho para beber. Ou viver só os dois, à beira de um rio, podemos pescar e caçar. Para que queremos riquezas ou glória? Só queremos viver.

Foi esta a história que me contou a Musa. Idomeneu e Empédocles passaram os dois dias seguintes a falar em segredo. Imagino que estivessem a planear. Se estavam a planear concreta e pormenorizadamente a sua fuga do acampamento, para onde iriam e sob que disfarce, ou se estavam apenas a deslumbrar-se um ao outro com planos de uma vida futura que no fundo sabiam ser impossível, isso não sei.

Passados dois dias o combate entre os Aqueus e os Troianos começou, tal como Aquiles pedira à mãe e Empédocles temia, e levou as vidas de Idomeneu e Empédocles. Não sei os pormenores de como aconteceu, e francamente não me parece que importe. Mas não consigo deixar de me perguntar: será que morreram revoltados por verem todos os planos de uma vida melhor serem atropelados pelos carros de cavalos dos Troianos? Ou será que foram tomados pelo entusiasmo da refrega? Pelo entusiasmo que cresce no coração de um homem quando ouve soar o grito da guerra e vê com o olhar límpido e destemido a hoste adversária aproximar-se lentamente, a sua mão cerrada sobre o bronze da espada, pronto a avançar com os seus companheiros e fazer recair a sua nobre fúria sobre os corpos frágeis dos inimigos. Tal como um leão.